

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CARTA BRANCA A AUGUSTO M. SEABRA
15 de junho de 2021

SILVERLAKE LIFE: THE VIEW FROM HERE / 1993

Um filme de Peter Friedman e Tom Joslin

Realização: Peter Friedman e Tom Joslin / **Música:** Lucia Hwong / **Montagem:** Peter Friedman e Florence Fradelizi / **Com:** Tom Joslin e Mark Massi.

Produtores: Doug Block e Jane Weiner / **Cópia:** Ficheiro, colorido, falado em inglês com legendagem electrónica em português, 99 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

"Foi assustador vê-lo morto. Depois quis fechar-lhe os olhos, porque é esquisito ver um morto com os olhos abertos, e tentei – como nos filmes – fechar-lhe os olhos. Mas eles voltavam a abrir-se! E então disse a Tom: desculpa, a vida não é como os filmes"
(passagem de *Silverlake Life*)

Entre meados dos anos 80 e 90, alguns dos principais momentos da "aceitação" e "integração" da Sida, em termos quotidianos, sociais e mesmo (ou sobretudo) políticos, foram propulsionados por aspectos relacionados, marginal ou centralmente, com o cinema e a produção audiovisual. Da morte de Rock Hudson ao oscar de Tom Hanks em **Philadelphia** (o filme de Jonathan Demme), e não importa aqui quão equivocadamente, uma parte desse processo passou pelo cinema americano e pelo seu imaginário. Mas por exemplo em França, um filme como o **La Pudeur ou l'Impudeur** de Hervé Guibert foi também um marco.

Pela sua própria natureza, fílmica e produtiva, **Silverlake Life: The View From Here** nunca se prestaria ao mesmo tipo de impacto. E, no entanto, mais de vinte anos depois, uma das primeiras coisas que salta à vista é que se trata de um filme que, ao contrário de muitos outros, não ficou prisioneiro, nem deixou que em si se inscrevessem, as marcas conjunturais do estado da aceitação e dos discursos públicos sobre a doença em determinado tempo. Provavelmente, este filme não poderia ter sido feito muitos anos mais cedo, depois de um período em que as abordagens públicas da Sida não dispensavam uma espécie de enquadramento pedagógico (bem ou mal intencionado, mais ou menos maniqueísta) e uma dimensão apologética. **Silverlake Life** leva-nos para um ponto que talvez devesse ter começado por existir imediatamente: a Sida existe, há pessoas que vivem com ela, e pessoas que morrem com ela; vamos retirar toda a ganga circundante, vamos retirar mesmo todo o "discurso" sobre a Sida, e mostrar como é que duas pessoas vivem e morrem com a doença.

Essa foi, nitidamente, a pulsão de Tom Joslin, simultaneamente protagonista e realizador do filme, nos moldes que **Silverlake Life** se encarrega ele próprio de

explicar, não valendo portanto muito a pena estar a bater nessa tecla. **Silverlake Life** é um filme extremamente objectivo, que mergulha no dia a dia, um dia a dia sempre “em declive”, de dois doentes com Sida, o próprio Joslin e o namorado. É, de modo, igualmente objectivo, um “diário filmado”, não havendo contradição nenhuma no facto de se estender para além da morte de Joslin – porque ele é o autor “conceptual”, podendo a autoria “material” repartir-se entre ele, Mark (que o filmou) e o seu discípulo Peter Friedmann, desde cedo escolhido (Joslin era professor de cinema na universidade e Friedmann um seu antigo aluno) como suporte de um projecto que, como Joslin bem sabia, só podia concluir-se depois da sua morte (ou, eufemisticamente, como vemos no filme, num caso de “health disaster”).

O balanço entre o pudor e a exposição é obviamente um das cordas sobre as quais caminha **Silverlake Life** do princípio ao fim. E é mesmo bastante interessante o modo como integra a reflexão sobre esse balanço, até nos seus pormenores menos premeditados (Mark, a certa altura, explica que esteve uns dias sem filmar por se sentir culpado por um súbito agravamento do estado de Tom). Mas essa questão liga-se a outra, de contornos quase sacrificiais: não queremos forçar a metáfora crística, mas as imagens do corpo morto de Joslin, sendo duras de ver, estão próximas de ser a razão de ser do filme, como se de uma espécie de dádiva se tratasse – eis o cadáver de um doente com Sida, ele é ao mesmo tempo um cadáver especial e particular, porque representa o fim de *uma* história e de *um* indivíduo, e um cadáver igual a todos os cadáveres, porque todos representam histórias e indivíduos particulares. Mais do que um filme sobre a Sida, é um filme sobre a morte, e é desse absoluto, para o qual o filme vai lentamente deslizando, que lhe vem o mais forte do seu poder de interpelação.

Luís Miguel Oliveira